



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE00442018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

14 de Abril de 2018 • Ano LXXV • N.º 1933
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



SINAIS

Padre Telmo

EU e Jaime estávamos endireitando ferrinhos para as vigas da creche da Massaca 1. Pasmei ao ver, não longe, a Irmã Quitéria pesando bebês no tronco de uma árvore. Padre José Maria tinha ido a Maputo — quarenta quilómetros — comprar mais ferro.

Primeiros frutos com agulhas e linhas do nosso Pai Américo no sonho do nosso Padre José Maria: uma Casa do Gaiato projectada em ajudas às populações vizinhas. A quinta que o Estado nos deu ficava a quatro quilómetros.

Havia três dias que tínhamos alugado duas casinhas no Bairro da baragem de Umbeluzi. Padre José Maria, Irmã Quitéria — braço maravilhoso de ajuda —, Jaime — Gaiato obreiro —, e eu que fui dois meses por conhecer o local.

Logo no terceiro dia Padre José quis conhecer todos os cantos da quinta. Foi uma maratona. Depois de corricarmos tudo e já numa parte elevada e rochosa que dá para as sanzalas, Padre José Maria grita com alegria: *a nossa Aldeia vai ser aqui!* E foi.

Soubemos, depois, que a nossa quinta estava crivada de minas! Não duvido que o nosso Pai Américo arregaçou a sua batina na frente de cada um... e a Aldeia nasceu: casas, capela, escolas, oficinas e ajuda à Massaca 1! Tudo, sem dúvida, tem o selo da Obra de Pai Américo bem gravado na sepultura simples do nosso Padre José Maria na cabeceira dos pomares. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

DE todos os discípulos que o seguiram, Jesus escolheu doze a quem deu o nome de Apóstolos. Eles haveriam de ser os seus mensageiros principais. É do evangelho que, noutra ocasião mais tarde, enviou setenta e dois, dois a dois, com a missão de prepararem os caminhos aonde Ele haveria de ir.

Da multidão de seus discípulos, houve muitos que Ele retirou de vidas de miséria moral ou física, para uma vida de liberdade interior e de paz. Mas, houve um deles dentre os principais, que não aderiu a Jesus e veio a tornar-se o traidor que O entregou a troco de trinta moedas de prata: apesar de conviver com Jesus, numa relação pessoal de proximidade, manteve-se dominado pela miséria moral e, por fim, física.

A vida vai-nos mostrando como por vezes é difícil, a alguns, abandonar as suas misérias, o que para acontecer tem de partir do desejo pessoal pelo bem e da repugnância pelo mal. Só quando se descobre que se está prisioneiro deste, então nasce o desejo de dele se libertar. Nesse momento entra a graça de Deus que o retira do mal e o liberta.

Por algumas vezes ouvi, há uns anos, a expressão de um Gaiato dizendo: «Pai Américo tentou fazer de mim um homem, mas não o conseguiu». Nas circunstâncias em que o dizia, percebi que de facto não era assim, pois que o homem se fez mais tarde. Até lá, quantas situações de miséria experimentou!?

Tal como este, outros parecem empedernidos nas suas misérias difíceis de quebrar. Por vezes dá-nos a tentação de entregar à lei a resolução destes casos, mas outra Lei mais alta se levanta. Foi a Lei que o Mestre sempre seguiu e nos mandou fazer de igual maneira.

Tenho um amigo que ainda não conheço pessoalmente, que está preso, mas que nunca deixa de nos escrever, apesar de não correspondermos como deveria ser. Nesta Páscoa, sinal eficaz da libertação dada por Jesus Cristo, recebemos mais um seu postal:

«Estimado Padre Júlio e “pequenos”, grandes homens, espero que estejam bem! Eu, por aqui na Cadeia (...) vou bem, pois tenho o apoio da

família e tenho Jesus, Maria, São José e um infinito amor de todos e de Deus. Aprendi a ver, com olhos de cristão e por isso vos envio um vale, (que deve chegar mais tarde), que ainda precisa de aprovação e autorização da Sr.ª Directora. A minha liberdade física ainda vai demorar e por isso espero que todas as Páscoas eu me lembre de ressuscitar e acreditar que um dia venha a luz da Paz. Obrigado, por tudo e continue com fé, que um dia tudo será melhor. Um abraço amigo.»

Finalmente, a verdadeira liberdade não se alcança pela letra da lei mas pela força transformadora da Lei e da Graça. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Por um pombo-correio

EM bom ambiente de perfume das *aleluias* pascais, alguma garotada sobressaltou-nos pela positiva, destacando-se certos miúdos mais afoitos e atentos com os quais topámos uma presença inesperada, mas amiga: a chegada de um lindo *pombo-correio*, que nos resolveu visitar pertinho da Páscoa, em Domingo de Ramos, depois dos rapazitos terem agarrado ramos de oliveira, como troféus, para a bênção esperada. Foi por ocasião da hora frenética da merenda, em que a gaiatada se costuma acotovelar e engalfinhar em cata do melhor repasto, mesmo que se prepare na equidade. Serenamente, a dita avezinha pousou e passou alegremente no meio da pequenada, dos átrios aos jardins, subiu também ao telhadito da sineta, entretanto desceu outra vez e foi entrando teimosamente na cozinha e no refeitório, onde se empoleirou e aconchegou bem, sem manifestar vontade de lá bater as asas. Que motivo a deixou ir ficando conosco e que possível *boa notícia* teria intenção de nos trazer? A nossa Comunidade ficou muito surpreendida pelo seu à vontade, sem medo de nada nem de ninguém, revelando muita proximidade e perseverança em permanecer com a criançada. Porém, o momento mais difícil deste encontro foi o convite a

regressar de novo ao seu meio natural, obrigando-a a esvoaçar pelos céus, antes do sol-posto, levando porventura tal boa notícia a outras paragens. Como tem chovido muito em Março, o nosso pensamento também foi voando para um acontecimento distante, mas interessante, do tempo bíblico de Noé, com um *resto* de povo, em que uma pomba voltou para a arca, *trazendo no bico uma folha verde de oliveira*, enquanto as águas cobriam a terra, e acabou depois por anunciar a bonança e a vida em abundância. *Chuvas e orvalhos, bendizei o Senhor!*

Neste ofício de caridade muito rasteirinho, tem sentido obrigatório calcorrear lamas de tugúrios impróprios para seres humanos, embora *os insectos indesejáveis* (das burocracias e hipocrisias) é que perturbam muito mais este frágil serviço aos pobres. Da rotina da agenda, veio um alerta para pegar na pena/tecla e parar, mas surgiram evidentemente interrupções e lamentações com razões, que nos levaram ao terreno: — *Tenho muita pena que os meus netos não estejam baptizados. — Sou a mãe do M. e preciso muito de ajuda, pois não tenho comida. — Amanhã, vou ao SEF começar a tratar dos papéis do meu*

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

SINTO necessidade de dar notícias sobre a reconstrução da casa, toda estragada, que a Câmara atribuiu àquela família, a quem o *Património dos Pobres* está a socorrer.

O casal, mesmo doente, tem feito das tripas coração para recuperar a sua casinha, a qual já tem janelas e o chão quase pronto. Falta ainda reparar a instalação eléctrica, alisar arestas das paredes partidas e pintar. O *Patrimó-*

nio dá-lhes a tinta e eles fazem o trabalho.

Esta acção é de importância extrema para que tomem a casa como sua, saída também do cansaço próprio e não somente do seu sonho. Estes, de certeza, que nunca iram destruir o que tanto lhes custou a pôr em ordem. Gastar energias na sua própria habitação, faz-lhes crescer o amor por ela.

Pusemos-lhes uma cozinha, que o Amor de Deus nos tinha dado, e ficou tão bem naquele lugar. A mobília será toda por nossa conta — embora eles nem acreditem enquanto não a virem dentro de casa.

Numa das visitas que faço para examinar como vão as obras, deparei-me com a família toda lá dentro: — *Então todos cá dentro logo de manhã?!*

— *É que nós já dormimos aqui!*

Fui ver onde passaram a noite. Encontrei a reedição do que faziam na casa do pai dele. Com dois cobertores de flanela, um por baixo e outro por cima, bem encostadinhos uns aos outros, para se aquecerem, passam a noite ali, no chão de ladrilho dum quarto só.

Tenho em casa uma cama de casal reservada para eles, com mesa de cabeceira, e umas caminhas para as meninas, bem como um sofá-cama para o rapaz que dormirá na sala grande.

Estás mesmo a adivinhar, leitor ou leitora amiga, que não existem lençóis, nem cobertores, nem colchas, nem nada para dormir.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Daniel Pina



PÁSCOA — Na nossa Eucaristia da Vigília Pascal foram baptizados dois dos nossos Rapazes, o Quintino e o seu irmão Ratzinquer, depois de uma longa preparação de catequese. Ficaram muito contentes com as prendas que os seus padrinhos lhes deram. Desejamos que sejam sempre bons amigos de Jesus. Nesta quadra festiva recebemos vários donativos, do que muito agradecemos aos nossos Amigos.

VISITAS — Um destes dias recebemos um grupo de escuteiros de Valongo. Passaram um fim-de-semana na nossa Casa com as suas actividades. Nesse mesmo dia recebemos também um grupo de catequese de Famalicão que fez a sua visita à nossa Aldeia e ao nosso Memorial. Todos partilharam connosco as suas ofertas. Esperamos que voltem. Obrigado.

BEIRE — Estamos a fazer, nas nossas oficinas, trabalhos para a roupa e para a lavandaria da nossa Casa de Beire — Calvário e Casa do Gaiato de Beire. Para a roupa, o sr. Faustino ajudado pelos nossos Rapazes, está a fazer várias prateleiras. Para a lavandaria, o Mendão esteve a montar, com a ajuda do Paulo «Mudo», estendais de roupa. Irá depois fazer umas divisórias em rede para os galinheiros, de modo a que as aves se desenvolvam bem.

BIBLIOTECA — Cada vez tem aumentado mais o número de livros na nossa biblioteca, resultado das ofertas dos nossos Assinantes e Amigos. Por esse motivo, o sr. Faustino terá que fazer mais prateleiras para os expor. Os nossos Rapazes vão consultando alguns livros, mas desejamos que o façam ainda mais. Para que seja fácil aceder a cada livro, tenho dedicado algum tempo a fazer o registo individual dos livros no nosso ficheiro informático da biblioteca.

HORTA — O sr. Jorge e o «Meno» estiveram a preparar o terreno da horta para novas plantações. Nesse terreno, está o tanque da tipografia, ladeado por duas palmeiras muito bonitas. Acontece que uma delas secou, pelo que o Paulo «Mudo» foi cortá-la com a moto-serra, ficando assim o terreno mais livre. Esperamos que, como no ano passado, dê boa produção. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O USO DAS CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — As casas do Património dos Pobres devem ser cedidas aos seus moradores em regime de empréstimo (comodato) e enquanto eles não tiverem possibilidades de mudar para casa própria, ou alugada, às suas custas.

Se a entrada de uma família numa casa destas que esteja desocupada geralmente não é uma situação problemática (analisam-se e comparam-se as necessidades das várias famílias que estejam a precisar desta ajuda e decide-se pela mais necessitada), a saída já não é bem assim. Há casos em que os moradores se comportam como se fossem donos destas casas para toda a vida e com direito a deixá-las aos seus sucessores.

Na nossa paróquia não tem sido prática o recurso a contratos de comodato entre a Fábrica da Igreja e os moradores das casas do Património dos Pobres para regular estas situações. Vai deixar de ser assim, ou melhor, já começou a deixar de ser assim. Neste momento, uma das casas já tem contrato de comodato e com as restantes vai acontecer o mesmo.

Como tendo vindo a acontecer desde que a nossa Conferência existe, estamos a colaborar com a Fábrica da Igreja neste processo, para além das outras colaborações habituais, nomeadamente nas obras de manutenção e de melhoria destas casas.

Assim sendo, nos próximos tempos, os Vicentinos, nas visitas que regulamente fazem às famílias que moram nestas casas, vão-lhes falar neste assunto de maneira a facilitar o trabalho da Fábrica da Igreja na formalização dos contratos de comodato para todas elas.

Ajudar quem precisa também é fazer esta pedagogia de que não deve ser apropriado de forma privada um património que é da Comunidade e que deve ser destinado aos seus membros mais vulneráveis. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

TRÍDUO PASCAL E PÁSCOA 2018 — Em 27 de Março, Terça-feira Santa, conforme foi agendado, fomos até ao grande Santuário de Nossa Senhora de Fátima, de autocarro, no qual vários Rapazes da nossa Casa tiveram a feliz oportunidade de se confessarem na Capela da Reconciliação e outros Rapazes encontraram-se (pessoalmente) com vários Padres, para os ajudarem no seu crescimento humano e espiritual. Ainda participámos na Eucaristia, pelas 12:30h., na Capelinha das Aparições, em que também concelebrou o nosso Padre Manuel, com muitos peregrinos. O farnel que levámos na bagagem (bem arranjado pela senhora D. Nazaré) foi bom, em especial as *sandochas*, chegou para todos e ainda sobrou. Depois, regressámos (pela A1) alegres e com vontade de mudarmos, para melhor.

Na Quinta-feira Santa, 29 de Março, participámos na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, em que houve o interessante Lava-pés a 12 miúdos da casa-mãe, na qual o chefe é o Crino e um acólito o Marcelino. Na Sexta-feira Santa, dia 30 de Março, pelas três horas da tarde, respeitando assim a hora em que morreu Jesus, houve a celebração da Paixão do Senhor, na qual escutámos a narração da Paixão e Morte de Cristo, por todos nós, seguida da adoração da Cruz de

Nosso Senhor, beijando a imagem de Jesus num lindo Crucifixo nosso.

Ainda em Sábado-Santo, 31 de Março, pelas 21:30h., houve a Vigília Pascal, que é uma Celebração Eucarística muito importante da Igreja. No Dia de Páscoa deste ano, Domingo, 1 de Abril, pelas 10:00h., participámos na Missa com muita alegria e beijámos a Cruz do Senhor. A nossa fé verdadeira é em Jesus Cristo vivo! Feliz tempo pascal para todos os nossos leitores e Amigos!

Há vários Rapazes que se vêm preparando, nos encontros de Catequese (pelo menos há 3 anos, com a sra. Prof.^a Fernanda), pois querem ser baptizados e fazer a Primeira Comunhão este ano, se for possível. Alguns dizem-se muçulmanos e são respeitados.

AGRO-PECUÁRIA — Entre Março e Abril, foi chovendo durante vários dias, com algumas abertas. Mas, isso não impediu que continuássemos a proceder à limpeza das matas, tarefa tradicional na nossa actividade agrária. Assim, temos andado na *mata do olheiro* a cortar mato e a deixar (crescer) especialmente árvores jovens, como carvalhos, sobreiros e alguns pinheiros. É uma tarefa que exige esforço, mas os montes assim ficam com melhor aspecto. A nossa cultura de aveia, nas várias parcelas,

vai crescendo bem, pois tem havido humidade no solo. Nós gostamos muito de pombas, mas era bom que não pousassem nos telhados, como as telhas do edifício dos serviços de alimentação e de rouparia.

ESCOLAS — O 2.º período, do ano lectivo 2017/2018, terminou em 23 de Março, sexta-feira, a que se seguiram as habituais férias escolares de Páscoa. Quando regressámos das Escolas, temos possibilidade de estudar na nossa Escola — Centro de Estudo, em quatro salas, com a ajuda de Professores destacados. Nas diversas Escolas da zona, vários Rapazes participaram em algumas actividades extra-escolares, como idas ao teatro, visitas e viagens de estudo a algumas terras do nosso lindo Portugal e com interesse histórico. Nos estabelecimentos de ensino frequentados pelos Rapazes desta Casa — nos concelhos de Miranda do Corvo, Lousã, Penacova e Coimbra, do Ensino Básico ao Ensino Secundário — teria sido bom que se aproveitasse mais e o comportamento fosse o desejado, para que os resultados saídos nas pautas o demonstrassem. No 1.º Ciclo do Ensino Básico, praticamente todos as notas foram positivas. Depois, em 9 de Abril, teve início o 3.º Período e é bem preciso que se agarrem ao verbo. □

BENGUELA

Luís António

A NOSSA PÁSCOA — Como é habitual, nos últimos dias da Quaresma, vive-se a Semana Santa, que tem o seu início no Domingo de Ramos e o ponto mais alto no Domingo de Páscoa, dia da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em nossa Casa, há muitos anos que temos lançado as bases para a vivência destes grandes momentos, bases essas a que não escapam aos rapazes mais novos, que pela primeira vez se juntam à nossa família, porque os seus novos irmãos fazem questão de lhes transmitir a mensagem.

Na véspera do Domingo de Ramos, observámos os mais pequenos a prepararem os seus ramos e, no Domingo, nós e mais o povo em geral, vivemos a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.

A Quinta-Feira Santa, começa com a paralisação das aulas na nossa escola, por esta ser pertencente ao leque das escolas Católicas. Este dia ficou marcado com a celebração eucarística da «Última Ceia». Tivemos o momento do Lava-pés em que todos os rapazes queriam representar os 12 discípulos, e o nosso subchefe Maioral (Tado) teve a difícil tarefa de fazer a selecção.

A celebração correu bem e, em seguida, tivemos a «nossa ceia» no nosso refeitório.

A Sexta-Feira Santa foi um dia de reflexão e sem actividades, tendo em conta a natureza do significado deste dia Santo.

No final do dia, preparámo-nos e fomos à Capela viver o momento da Morte de Jesus.

No Sábado Santo, a partir das 22h30 todos os caminhos foram dar à capela das irmãs Monjas Dominicanas e, juntamente com o povo, celebrámos a Ressurreição do Senhor. A Santa Missa da vigília foi celebrada pelo nosso P. Quim e co-celebrada pelo nosso P. Manuel. O nosso Pe Quim resumiu a sua homilia com a seguinte frase em Umbundu: — *Yesu wapinduka, Aleluia, Aleluia* —, o que quer dizer “Jesus Cristo ressuscitou Aleluia, Aleluia”.

Logo a seguir à Missa notava-se nos rostos de todos muita alegria e com fortes abraços e apertos de mãos, desejavam-se «Feliz Páscoa».

No Domingo de Páscoa, o dia todo ficou revestido de momentos festivos. Assim foi a «nossa Páscoa». □

BEIRE — ... “Enfados” mas floridos

Um admirador

A CORRER, NUMA AUTO ESTRADA... O mês de Março já vai para lá de meio. Um Março *marçagão* — *manhãs de Inverno, tardes de Verão*. A Primavera está atrasada pelos rigores do Inverno, mas não desiste de **tentar mostrar-se** como a *rainha das quatro estações do ano*. Vou na A41, onde passo tantas vezes, a caminho de Leça — meu poiso primeiro. Este aqui, em Beire, é só por *paixão* e por *compaixão*. Quase as 16h00. O sol, lá no alto, começa a inclinar-se para poente. Parece brincar comigo. Ora se esconde por detrás das nuvens ora se mostra naquela sua *especial beleza*, depois de uma borrasca. De repente, mesmo à velocidade dos 120 km/h permitidos por lei, os meus olhos como que param extasiados. É um campo que,

ainda há bem pouco era o nabal de uma *exquinta*. Mesmo ali ao lado da auto-estrada. Num terreno ainda amanhado à maneira dantes. Onde há bem pouco andava um cavalo a pastar, ou um tractor a fresar a terra. (*Que bonitas estas minhas doces recordações da infância. Obrigado, ó Deus, por este meu “cheiro a ove-lha”...*)

Naquele misto de paisagem rural, já cercada pela invasão citadina, destaca-se uma larga pincelada de amarelo. Pelo brilho do sol depois da chuva, aquele amarelo prendeu-me — os olhos e o coração. Pode haver quem lhe chame *amarelo de ovo, amarelo canário, amarelo sei lá de quê (...)*. Nada disso chega para dizer o sedutor / reluzente amarelo que ali era, àquela hora. Muito menos dizer,

nem só um chisquinho, do que aquela doce visão desencadeou em mim. Mesmo à velocidade que ia, aquele *flash* foi comigo, estrada fora. E, dali, me levou ao Calvário. E a muitos outros cantos de mim. Porque é do Evangelho que *onde está o teu tesouro aí está o teu coração...* (Mt 6,19-23).

HÁ UMA BELEZA QUE BUSCA INCARNAÇÃO. Aquilo tinha sido um campo de nabos. Que alegraram muita gente — *ai que ricas sopinhas!*... Mas os nabos que não mereceram préstimo para venda nem para gastos de casa *ficaram práli*. Enfizados. Parece que inúteis. Abandonados num campo à espera de... Entretanto,



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da Página 1

filho mais pequeno [que nasceu em Portugal e tem uma malformação do crânio...]. — *Pode receber um rapaz, pois o pai morreu?*, etc.. Era por alturas da festa de S. José e estava próxima a Páscoa do Senhor Jesus. Antes, tinha sido para nós um bom exercício prestar a atenção devida à força e à marca que o nome e a vida do Pastor Universal vêm imprimindo na nossa Igreja. Por sinal, nesse dia 19 de Março, o Papa Francisco lembrou na rede social *twitter* um conselho pertinente: *Queridos Pais, felicitações pelo vosso dia! Sede para os vossos filhos como S. José: guardiões do seu crescimento em idade, sabedoria e graça.* Quem não sente a grande proximidade ou recorda com imensa saudade e eterna gratidão viva o seu querido Pai?!

Numa linha ampla de sentido e da verdadeira paternidade humana e espiritual, vejamos de relance e em simples passagens alguma da água límpida que foi correndo, como um rio caudaloso de boa nascente, do legado espiritual de *Pai Américo* à Igreja em Portugal, desde (e antes) a sua ordenação presbiteral, em 28 de Julho de 1929. Isto porque, há dias, fomos desafiados outra vez para fazer memória pública, justa e grata, do Bispo de Coimbra D. Manuel Luís Coelho da Silva, em ligação com Américo Monteiro de Aguiar (AMA), que acolheu no Seminário de Coimbra e o ordenou — *Padre Américo!* Sublinhámos aqui um cibinho de algumas palavras muito sentidas, de saudade, que registou gratamente no *Correio de Coimbra*, por ocasião do passamento deste grande homem da Igreja (a 1 de Março de 1936), pois revestem-se de alto significado, ao sublinhar: *ele era o nosso pai espiritual! [...] Deu-me Ordens sacras, fez-me sacerdote: o maior de todos os títulos, para a maior de todas as gratidões.* E, nessa coluna semanal, notou o carinho dos pobres por este grande batalhador: *A população das tocas acudiu à passagem: setenta famílias de fome embrulhadas em farrapos.*

Com este inciso, de um breve retrato social da miséria de Coim-

bra, então percebe-se melhor uma confidência do Recoveiro dos Pobres, dilacerado pelas suas dores de cabeça e dos últimos de Coimbra, quando, em 19 de Março de 1932, o seu Bispo lhe confiou a *Sopa dos Pobres: Doente, como então era, o meu Prelado havia-me dispensado de todas as obrigações, tendo eu tomado esta de visitar Pobres, por não servir para mais nada.* Foi assim que, depois [no livrito *Ovo de Colombo*, em 1954], como grande escritor português cristão, cronista das dores e amigo dos pobres, lembrou com amargura estourada *martelada* no seu coração misericordioso de servo e pastor: *Já vão anos e anos e ainda hoje guardo no peito a minha primeira visita a um tugúrio, em Coimbra. Era a senhora Amélia, que tinha engomado gerações de estudantes e agora, cega e velhinha, cuidava de três netos de uma filha infeliz, cada um de cada homem e todos eles sem pai.*

Por isso, num itinerário de crucificado, imitando o Senhor, em cura pessoal e social, uma década depois do mandato do seu Bispo, acabou por ir escrevendo também com ternura pelos seus filhos, que lhe deram outro título — *Pai*, numa previsível evolução fonética e semântica, que de *Padre* fez *Pai Américo*. Manifestou-se uma verdade simples, desde os primórdios na boca e na memória dos seus filhos e do povo, saída *ex ore infantium*, a exemplo do Mestre — *Da boca dos pequeninos e das crianças de peito fizeste sair o louvor perfeito.* Ora eis, pois, esta pequenina e linda meditação que *Pai Américo* deixou aos seus vindouros, confirmando a sua paternidade: *Sentado à sombra de uma oliveira, na orla da Casa do Gaiato, respira a gente, ao fazer desta, do ar perfumado do tempo, ouve o cantar dos passarinhos; e sente na alma a riqueza espiritual de uma Paz duradoura, reflexo da imutabilidade de Deus. Em baixo, os três pequeninos, por não terem obrigação, colhem papoilas nos campos: — Pai Meco, olhe!*

É muito interessante ver que duas décadas depois, na História eclesial, foi dado realce a este

título de *Padre [Pai]* num texto significativo sobre a *missão dos pobres na Igreja*, chamado *Pacto das Catacumbas*, assinado por 39 Bispos, em 16 de Novembro de 1965, no contexto do II Concílio do Vaticano, na Catacumba pobre de Domitila, onde se mantém viva a tradição da Igreja dos marginalizados e perseguidos da antiga Roma. Celebraram a Eucaristia e apelaram à pobreza e simplicidade de vida, segundo o Evangelho de Jesus. Então, nesse compromisso concreto (n.5), disseram isto mesmo: *Preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre [Pai].* De facto, tal título é sinal de paternal afecto e proximidade pastoral.

No nosso tempo digital e num mundo globalizado, com o avanço da investigação científica sobre o ADN e depois do ferrete de outrora dos filhos ilegítimos, seja-nos lícito porém questionar alguns rumos cinzentos (infelizes) de leis, técnicas e práticas que vão ocasionando um crescendo de *orfandade* familiar e social, nomeadamente na Europa (ainda de matriz cristã?) e também noutros Continentes. Parece-nos que, em vez de se apoiar mais seriamente (concretamente e com ética) os pais que tanto o desejam e o procuram ser de verdade, se vai experimentando por labirintos, biológica e clinicamente, com a paternidade-maternidade de cada novo ser humano, pois nem tudo deve ser permitido.

A verdadeira paz que Jesus nos trouxe passa basicamente e muito por uma família estável, em que os pais (pai e mãe) devem ser colunas, para-raios e os maiores amigos! Sem a presença de José, em Nazaré, como se poderia conceber a infância de Jesus, serena e aberta ao mundo dos pobres? E sem Maria, desde o calor da manjedoura ao madeiro duro do Calvário, como poderia Jesus suportar com coragem a Sua vida de entrega total e o abandono da Cruz? Qualquer família, sem as figuras de referência pai — mãe, fica muito mais pobre, pode-se deturpar, desagregar e não cumprir bem a sua missão de célula-base de uma sociedade saudável e construtora da paz. Com o devido

respeito, como se percebem os fundamentos éticos de uma figura impropriamente dita de *casal* (par) e que se tenta igualar à conjugal, com consequências de confusão parental? Ainda se verifica que vão crescendo as situações em que um dos progenitores tem de suportar o peso total da cruz, como acontece em famílias monoparentais, por razões forçadas.

Nesta simples e agitada vida comunitária, numa missão de procura da paternidade de um *resto* social, procurando remendar panos rotos, há sinais claros de ausências forçadas de pais e mães — que já partiram, distantes, emigrados, separados... Daí deduzirmos que a reflexão pegada e dificuldades notórias de concentração possam também ser evidências de chamadas de atenção e de consolação, desafiantes do exercício paterno — materno. De tantas re/petições, vai uma dezena: — *Posso tocar a sineta? Já vou! Quero repetição [de comida]? Não sou da obrigação. Não fui eu. Chamou-me nomes. Preciso de papel... Olhe esta ferida, tem um penso? Quero uma bola. Podemos ver televisão? O Norberto e o Mário, barrigana, depois de olhos fitos na Cruz de Jesus na celebração da Paixão, queriam mesmo um rasgado elogio: — Hoje, portei-me bem?! Na verdade, quem pode ficar insensível (logo de pequenino) à visão do Corpo ensanguentado do Crucificado?...*

Num momento significativo da Semana Santa deste ano da graça — a *Missa Vespertina da Ceia do Senhor* — que nos foi dado viver nesta família (numerosa) que não para de mexer e não se cala, um grupo de *Doze* Rapazitos aproximou-se garbosamente da frente do Altar para o Rito do *Lava-pés*, cujos nomes (e vidas) são de registar para memória futura, como fez o mais pequenote num papelito para convocar os companheiros, a saber: *Adimir, Anelca, António, Ayrone, Bubacar, Erikson, Marcelino, Mário, Neio, Norberto, Paulo e Úmaro.* Como que a anunciar a Ressurreição do Senhor e cuja feliz notícia aquele *pombo-correio* parece ter vindo trazer antecipadamente, durante a sucessão de tais gestos de abaixamento, os miúdos sussurraram ditos picados e houve rasgados sorrisos! Nesse Memorial Eucarístico tão participado, tornou-se bem vivo para todos o significado dessa hora de extrema humildade de Jesus, como um verdadeiro escravo de uma humanidade ferida, dando assim um exemplo muito marcante do verdadeiro Amor ao próximo. Jesus é o único Bom Pastor que vem procurar e conduzir a ovelha perdida, e o Servo de Javé enviado a servir a humanidade ferida, para assim elevar toda a pessoa humana à dignidade de um ser *quase divino*. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Por vezes, admiramo-nos de certos comportamentos rudes, selvagens e até criminosos!

Que admira!... Crianças a crescerem num ambiente destes, ainda muito boas são elas.

Os pais a que me refiro, sentem bem esta realidade, mas as posses não lhes permitem mais.

Prometo que lhes hei-de tirar uma foto dentro de casa, para que as ideias dos meus leitores se tornem tão claras quanto as minhas.

As multidões... têm sido multidões? Sim, não exagero. Muitas mães de família a pedir-me uma cama de casal, pois dormem no chão, fogões para fazer comida e frigoríficos.

Há meses, comprei, de uma assentada, dez fogões que desapareceram muito rapidamente.

É muito triste a gente chegar a uma casa de família e ver a mãe a fazer uma sopa no fogareiro a brasas ou num grelhador e sem o frigorífico para conservar os alimentos ou remédios mais normais.

De relance ouvi na rádio que o Senhor Presidente da República se manifestou triste por causa da elevada pobreza do País.

Acho que é verdade e só lhe ficam bem tais sentimentos, mas devo dizer, também, ao mais alto Magistrado da Nação o que ele sabe bem, que há entre nós algumas grandes fortunas adquiridas à custa de burlas que ninguém prova, de influências que ficaram escondidas e de abusos de poder manifestados legais. Que há muita gente a viver bem e de costas voltadas para a pobreza, e que quando estes ricos se apoderam dos bens, quem é explorado são os mais pobres.

Sem resultado, calou-se o meu grito a pedir camas de casal, pois só recebemos duas, quando precisávamos de vinte. Tenho-me visto assediado por muita gente, homens e mulheres, pais de famílias sem terem casa ou dinheiro para pagar a renda.

Vou-me deixando levar, às vezes, pelas aparências, pois nem sempre as informações são seguras. Poucos padres visitam os pobres. Sou capaz de ajudar quem não precisa muito e de esquecer o que está mesmo aflito.

As rendas de casa, hoje, são um pesadelo. É verdade que o Estado, neste concelho de Setúbal, investiu em milhares de habitações, mas precisa de avançar muito rapidamente, pelo menos com mais meio milhar delas.

As barracas já se vêem com alguma abundância, e qualquer hipotética arrecadação coberta já serve para uma família se pôr lá dentro, com uma renda barata, mas que não baixa dos duzentos euros. □

a beleza instalou-se ali e acordou em mim aquela *Beleza* de que também eu (e tu que me lês) estou (estamos) amassado(s) — a *Beleza Incarnante* e *Incarnanda*... Sempre à espera de quem lhe dê *vez e voz* para se incarnar como, naquela longínqua *Manhã de Páscoa*, se incarnou, em Jerusalém... Uma Beleza que não para de *buscar sítio* onde possa revelar-se através do *divino* para que todos estamos vocacionados. Por nascimento. Crentes ou descrentes. Porque lhe basta só um pouquinho de *humanidade* para que possa dizer-se-nos, num convite a empurrar o mundo para a frente.

DE VOLTA AO MEU CALVÁRIO... Olho cada um dos quarenta e quatro actuais residentes. E as muitas centenas que por aqui passaram e que o *Senhor da Vinha* já colheu. Mentalmente, perpasso pelo nosso *Campo Santo*, mais os registos em livro pela mão de P.º Baptista. Tudo a falar-me de *enfzados* — de corpo e/ou de mente. Mas todos me falam dessa *Beleza*, (*Verdade e Bondade!*) que alguém soube *DES+cobrir* neles, para mostrar ao mundo que teima em não ver...

Enquanto o carro come os kms

que me faltam, deixo a minha mente mostrar-me cenas e mais cenas do nosso dia a dia. Umhas que se podem ler e reler, descritas por mão de mestre na pena de Pe Baptista. Em qualquer dos 3 volumes de crónicas que tendes à vossa disposição. Outras que os meus olhos presenciaram. E muitas mais que, todos os dias, posso auscultar-lhes aqui — se eu mesmo me der *tempo e coração* para isso:

a) Vejo a **Rosalina** a dar a mão ao **Faneca**, acompanhando-o cá de baixo lá para cima — onde cada um mora. Ela no pavilhão das mulheres, ele no pavilhão dos homens. Dos dois, qual deles o mais *enfzado* — a lembrar-nos do até onde pode chegar a nossa *desumanização*. Nenhum deles fala nem sabe estabelecer relações propriamente humanas. As suas acentuadíssimas *deficiências* não lho permitem. Mas os dois, quando as suas condições de vida lhes dão para tal, estabelecem connosco belíssimas relações *divinizantes* e *divinizandas*. Quantas vezes já senti que **Ele** me tocou através destes nossos doentes.

b) Estou a com+TEML+ar o **Chico** — ceguinho, corcunda até dizer basta, com alguns sons/*grunhidos* de tentativas de comunicação. Com nomes que lhe são fami-

liares no cuidar dele — *Báaabá, Riiki, Béeele*... Se me sente por perto, logo inclina a cabeça para eu lha coçar, afagar. E ele logo vai *esgadanhar*. Às vezes, se está livre e pressente que o Carlos está, mesmo ao lado, a dar de comer ao Faneca, começa a apalpar terreno e, encontrando alguém, reclinase todo no seu reçoço como qualquer bebé no colo da mãe...

c) Passo pelo **Diamantino**, que não quer sair da cama — *Estou bem aqui. Até morrer.* É um ex-trabalhador da construção civil que, ao cair de umas obras, ficou tetraplégico. E sem ninguém no mundo para cuidar dele. Chama *mãe* à senhora que, em cada manhã, o vem tratar. Se ela não está e vem outra, diz *a cachopa*... Se, por esta ou aquela razão, não está por ali ninguém de serviço, e nós avançamos a servi-lo no que precisa, mal ganha confiança connosco, sorri agradecido e diz muitas vezes que *você é boa pessoa*...

Quem passa por aqui, como *aprendiz* da arte de ver com os olhos do coração (e da fé, que ainda vê mais adiante...), consola-se só de ficar *apanhado* por estas cenas humanas em que esguicha tanto *sabor divino*. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

journal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 20950

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

VINDE VER!

Padre Quim

O Chefe

«*O chefe, na nossa doutrina, quer dizer servo da comunidade. É ele quem parte e distribui à mesa*». É uma palavra de peso na sociedade, mais pela atribuição social do que propriamente pelo desempenho e competência das suas obrigações conferidas. Servir não é uma expressão comum para grande parte dos gestores públicos. Servir-se! Ah!, esta já é mais conhecida e apreciada. Vi passar um filme que retratava o modo como a autoridade era entendida em tal sociedade anónima, em pleno século XXI. Uma das cenas vista, indicava que quando o senhor polícia mandava parar um carro, o homem tornava-se mais compreensivo quando era tratado por *chefe*. Mesmo que seja um senhor doutor a dirigir-se a um menos instruído academicamente. “*Pois analfabetos todos somos, dependendo das circunstâncias*”. Senhor guarda? Nunca. Arriscas uma multa, mesmo tendo tudo em ordem. E porquê? Se está tudo certo, sem nenhuma infração, porque o carro tem pouco gasóleo.

Ao chegar a uma repartição de saúde ou de educação ou outros organismo estatais e, até, privados, as pessoas eram recebidas com as seguintes indicações: “*o senhor tem que esperar pelo chefe*”. “*Pode voltar amanhã, o chefe hoje não apareceu*”. O nome próprio tornou-se secundário, num ambiente sócio-político onde as marcas da burocracia se encontram

estampadas nos gestos e nas palavras contrárias ao progresso esperado num estado democrático de direito.

Em nossas Casas também encontramos a figura do chefe, mas não como alguns departamentos sociais da cena o publicitavam. Entre nós, o chefe é um irmão mais velho chamado para servir. Que ao dizer estar pronto, assume a missão de velar pelos seus irmãos em diferentes áreas que compõem a nossa vida familiar. Tem nome próprio e personalidade marcada pela responsabilidade. Tem suas limitações como os outros rapazes, suas necessidades, sonhos e ânsias de construir hoje um futuro risonho — e faz por acertar e materializar o seu projecto de vida, quer na escola, no trabalho, nos actos de comunidade, na sua vida pessoal. Não tem sido fácil, nestes últimos tempos, encontrar chefes para se comprometerem com esta árdua tarefa. Estamos confiantes e à espera dos frutos da sementeira feita no coração dos rapazes aos sucessivos apelos à responsabilidade, no cuidado aos irmãos mais novos. Afinal, somos *Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes*. Esta senha diz tudo. É basta. Isto verifica-se em todas as actividades domésticas. A conclusão é de Pai Américo: «*o ambiente de família transforma e convence estes pequenos sem família. A verdade encontra-se na própria natureza das coisas, virgem. Nem sistemas, nem violências, nem pautas. A principal missão dos verdadeiros chefes é servir os seus súbditos. Descer. Debruçar-se. Sentir. Amar. Quem assim fizer em lugar de supremo comando, será verdadeiramente supremo. Jamais se rebaixa por muito que se humilhe*». □

BENGUELA

Padre Manuel António

O combate à pobreza avança...

CELEBRAMOS, hoje, a Festa da Páscoa. É o dia mais santo de todo o ano. Hoje é o dia maior. Celebrámos a Ressurreição de Jesus Cristo, 1 de Abril do ano 2018. Os filhos da nossa Casa do Gaiato de Benguela viveram este acontecimento com muita alegria. Ao contemplar o seu rosto, num dos momentos mais importantes desta Celebração, o meu pensamento voou para a multidão de filhos abandonados, tidos como mortos, à espera de ressuscitarem para uma vida humana com dignidade. A nossa Casa do Gaiato de Benguela quer ser o espaço geográfico e humano para a salvação destas crianças. Como temos referido, não foi possível, até este momento, porque os empregos para os rapazes que já devem sair da Casa do Gaiato não aparecem. É, na verdade, uma situação aflitiva. Vamos continuar com este trabalho. Temos esperança de obter o fruto desejado, para a salvação destes filhos. Será, sem dúvida, um dos frutos preciosos da Páscoa da Ressurreição.

O combate à pobreza avançada é um caminho seguro para a paz social efectiva. Há multidões de pais e filhos que vivem em situação verdadeiramente aflitiva. Esta manhã, por exemplo, um grupo numeroso de doentes bateram à porta do nosso coração. Eram pais, acompanhados de seus filhos e mães, à busca da ajuda para a consulta médica. Os medicamentos serão o complemento mais pesado, depois do regresso do consultório médico. É, sem dúvida, uma partilha da vida dos pobres com a nossa vida. Ao regressar a Casa, depois da celebração da Eucaristia, na Comunidade das Irmãs do Santíssimo

salvador, fui surpreendido por uma visita que desejava falar comigo. Quem era? Apresentou-se como um amigo da nossa Casa do Gaiato e queria oferecer uma ajuda financeira para as despesas diárias. Foi, sem dúvida, uma ajuda preciosa que nos permitiu pagar todos os gastos com este grupo de pobres doentes. A Providência divina que actua onde se cumprem as boas acções, animada pela força do Amor, é maravilhosa. Devemos estar sempre, de coração aberto, para acolher os pobres que nos batem à porta, à busca do nosso amor. Quem dera! Deste modo, o sofrimento desumano que afecta vidas muito numerosas seria curado pela eficácia deste remédio salutar.

Os alunos que frequentam a nossa escola são muito numerosos. Um dos problemas que afectam as crianças que vivem no meio social é, sem dúvida, a ausência escolar. Há necessidade absoluta da construção de mais escolas na sociedade. Na nossa Casa do Gaiato de Benguela, com a Escola pública, ao serviço da multidão de crianças, eram necessárias mais salas de aula. A mesma necessidade acontece noutros locais. As árvores com as suas sombras, as varandas, onde existem, são transformadas em centros escolares, onde as crianças, com todas estas limitações fazem a sua aprendizagem. É,

sem dúvida, um problema social a pedir solução, na medida em que for possível. A escola, na vida dos filhos, é um factor essencial para o seu desenvolvimento humano. A Nossa Casa do Gaiato de Benguela, desde o seu nascimento, há mais de 50 anos, incluiu a Escola na estrutura dos seus vários edifícios. Abriu as suas portas, também, na medida do possível, às crianças do meio social da época. A escola é, sem dúvida, um elemento essencial na estrutura humana. *Fazer de cada rapaz um homem*, sempre foi um elemento essencial na estrutura educativa da criança, na Casa do Gaiato. Muitas vezes, os responsáveis das crianças que estão na escola vêm pedir ajuda para o pagamento das propinas. O seu custo é baixo, mas a pobreza extrema, por vezes, gera esta atitude. Vamos continuar a fazer tudo o que pudermos, com a ajuda de cada um de vós. Neste período da Páscoa, foi verdadeiramente consoladora a ajuda da D. Leonor, de Luanda, que tem a nossa Casa do Gaiato no seu coração. Outros corações, cheios de amor, estiveram, também, presentes com estes filhos, a viver a Festa da Páscoa. Jesus está vivo e vai continuar connosco e no coração de cada um e cada uma de vós. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da vossa e nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O mundo não sabe o que está escondido por detrás do mistério do Redentor e perdeu o verdadeiro sentido da maior festa cristã, celebrada, como é, com amêndoas e amores, por isso páscoa de um dia. A nossa — *christus imolatus* — levanta-nos muito alto, e nunca mais acaba.

Pão dos Pobres, 1.º vol., 5.ª ed., 1986, p 79.

ERA O ANO I, N.º 4

Pai Américo

O cozinheiro de Miranda veio a Paço de Sousa com três dias de férias, muito bem merecidas. Ficou o ajudante no seu lugar. Saiu de Miranda no comboio das 8. Em Coimbra, tomou o das 10 e no Porto, para Cête, tomou o das 18:30 — para falarmos do tempo como agora se marca. Viajou só. Na estação de Cête, tinha o Sérgio e o Pepe e o «Lisboa», três antigos companheiros de Miranda, que o receberam na gare com palavras e abraços espumantes. Chegado que foi a Casa, mais abraços, mais palmas, mais vivório; é um irmão que traz notícias dos irmãos.

O «Velha», que assim se chama o cozinheiro, pediu o arco ao Amadeu de Elvas e durante os dias de férias, correu a quinta e a mata, glorioso e triunfante. Ouviu o cuco mai-la poupa, que em Miranda não aparecem. Viveu os minutos das horas que esteve connosco, foi-se embora com saudades e deixou saudades.

Quem há-de dizer, que este simpático rapaz, ainda em idade de tocar o arco, faz e dá de comer a uma comunidade de 35 garotos da rua!

Ele é meu desde muito pequenino; a Mãe deixou-mo em testamento, num catre do hospital. Foi uma heroína de silêncio e resignação. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Páscoa

AS celebrações do tempo pascal decorreram no meio de nós com bastante brilho e conforto. Começaram com uma celebração penitencial, numa quarta feira à noite, com dois sacerdotes de fora.

Não me lembro de aqui, em Casa, ter decorrido uma celebração participada como a deste ano.

Durante a semana santa tivemos connosco o Senhor Padre Fernando que irá assumir, em Moçambique, as gloriosas responsabilidades do Senhor Padre José Maria, falecido há ano e meio. Esta presença sacerdotal encheu-nos a alma, não só pelo dinamismo, mas, também, pela sua coragem e a sua fé.

Quinta-Feira Santa, celebração da Ceia do Senhor. O Senhor Padre Fernando ajoelhou perante os rapazes e lavou-lhes os pés, repetindo os gestos do Mestre aos seus discípulos. Ele que deixara tudo: família, amigos, paróquias e responsabilidades eclesiais na Diocese de Bragança dispôs-se dar a sua vida, nas terras longínquas do sul da África, aos rapazes mais abandonados e aos pobres a morrer de fome e de doença. O Senhor Padre Fernando, depois do décimo segundo ano escolar, em vez de entrar na Universidade e contra a vontade dos seus familiares, quis ingressar no Seminário e fazer-se apóstolo.

Sexta-Feira Santa. Os rapazes leram a Paixão de forma elevada e segura e ele descobriu a imagem de Senhor crucificado, com ritual próprio, para todos a beijarmos.

A vigília pascal a todos sensibilizou aumentando a fé na Ressurreição do Senhor! Enquanto os rapazes liam os quatro trechos do ritual, de forma clara e irrepreensível cinco deles entoaram os salmos, com os seus refrões, elevando toda a assembleia, a qual respondia cantando fervorosamente.

A renovação das promessas do Baptismo, com todos os participantes de velas acesas na mão, trouxe-nos alegria do Senhor Ressuscitado. Os rapazes cantaram devota e entusiasticamente as Aleluias que lhes saíam da alma. Órgão e violas adufe e outros instrumentos simples fizeram lastros ao canto de todas as pessoas.

Páscoa! Páscoa!... O triunfo de Jesus! Pelo Seu caminho, o nosso triunfo aleluia.

Borregos

NÃO me recorde de alguma vez, pelo tempo pascal, nos terem faltado os borregos para a ceia pascal que comemoramos em Quinta-Feira Santa ou para o Domingo de Páscoa. O do senhor João dos Potes está sempre certo, mas a fonte dos outros varia conforme a Providência.

Este ano, veio um da Venda do Alcaide, duma senhora que foi nossa catequista. Não diremos um borrego, mas um enorme carneiro que os rapazes mataram e prepararam para ser cozinhado. Outro, veio de um vizinho, que pôs as suas ovelhas a comer a erva que restava após o corte do milho nos fins de Setembro.

Os borregos trazem as memórias doces de senhoras, como a Nené Gomes que em tempos recuados nos assegurou, durante dezenas de anos, os cordeiros pascais e as amêndoas.

A Nené está no Céu, mas não se esvaiu de nós uma profunda gratidão, uma acção de graças a Deus e um pedido para que ela seja recompensada na Glória do Pai do Céu.

Além das prendas referidas, a Nené, fazia-se acompanhar sempre de uma quantia em dinheiro cobrada às suas amigas.

A nossa Páscoa é uma passagem para o Céu! LÁ a veremos e beijaremos na Glória de Deus! □